



MUSEU
CASA DA
MOEDA

PORTUGAL, 900 ANOS: UMA IDENTIDADE MONETÁRIA

Em termos históricos, o conceito de “identidade” refere-se ao processo através do qual se forma a consciência de pertença ao coletivo nacional. Este processo muda ao longo dos tempos e conhece várias formas de expressão: política e institucional, económica e social, religiosa e cultural.

A “identidade monetária” é a forma como um país constrói uma imagem de si próprio, tendo como suporte a moeda. Esta construção atribui-lhe significados e confere-lhe funções. Ao longo da história, a moeda foi um meio de troca, uma unidade de conta e uma reserva de valor.

Portugal, país com 900 anos de história, possui autonomia política e continuidade territorial. No seu espaço circularam moedas pré-nacionais, como as romanas, suevas, visigodas e islâmicas, e outras nacionais. Os poderes políticos ordenavam a sua produção porque esse ato era um gesto de soberania.

A exposição *Portugal, 900 anos: uma identidade monetária* mostra uma seleção das mais importantes moedas que foram produzidas em Portugal, ou nos territórios sob influência portuguesa, entre o século XII e os nossos dias.

Do dinheiro ao euro, são testemunhos de uma história que vale a pena ser contada, porque nela se retrata a realidade de um país, do seu povo e das suas instituições, dos seus valores e das suas realizações.



A INCM resulta da fusão, em 1972, da Imprensa Nacional com a Casa da Moeda. É herdeira dos mais antigos estabelecimentos industriais do país.

A INCM tem a seu cargo a produção de bens e serviços fundamentais ao funcionamento do Estado português. A sua divisa é “O Valor da Segurança.”

A INCM é cada vez mais uma empresa voltada para o futuro e interessada em vencer os desafios que a sua missão lhe coloca, num mundo em permanente mutação.



FICHA TÉCNICA

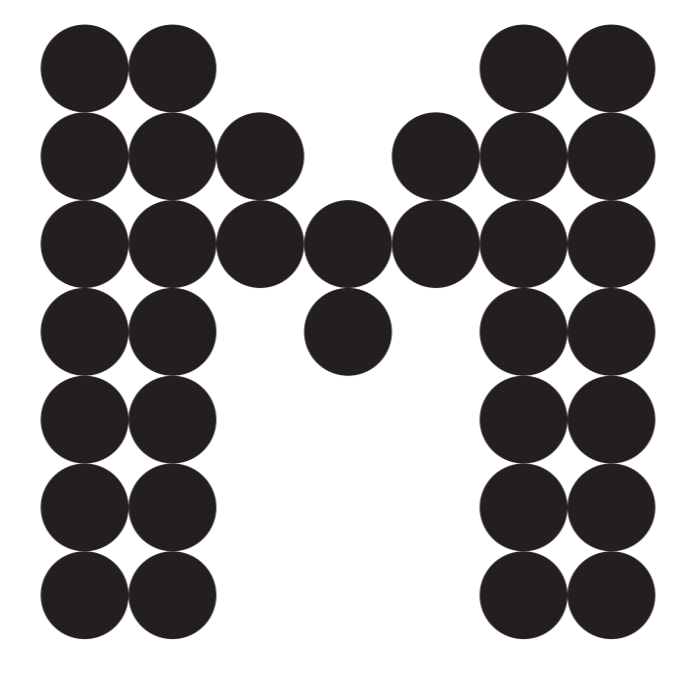
Organização:
INCM/Museu Casa da Moeda

Curadoria:
Mário Gouveia

Grafismo:
Nuno Silva

Agradecimentos:
Sociedade Portuguesa de Numismática

Exposição realizada no âmbito do VI Congresso Nacional de Numismática, organizado pela Sociedade Portuguesa de Numismática, no Porto, entre os dias 24 e 26 de novembro de 2022.



AFONSO I (1139-1185): AS ORIGENS DE UM REINO

- Dinheiro
- Bolhão; 18mm; 0,85g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4234

Afonso I assume o governo do Condado Portucalense e instala-se em Coimbra. Aclamado rei na batalha de Ourique, conquista Santarém, Lisboa e Sintra. O rei Afonso VII e o papa Alexandre III, pela bula *Manifestis probatum*, reconhecem a independência de Portugal em 1143 e 1179.

Batido talvez em Coimbra, o dinheiro mostra um pentalfa e uma cruz latina. A sua produção marca o início da história monetária portuguesa e acompanha o processo de construção da independência do reino, no quadro da cristandade ibérica e europeia.

1139



1185

SANCHO I (1185-1211): RECONQUISTA E REPOVOAMENTO

- Morabitino
- Ouro; 27mm; 3,66g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4235

Sancho I consolida a fronteira com a Galiza e continua a guerra com o Islão. Conquista Silves aos almóadas, com o apoio dos cruzados, em 1189. Estabelece alianças com Aragão e Roma, dirige conflitos com os eclesiásticos e incentiva o repovoamento da Beira e Trás-os-Montes.

Primeira moeda de ouro portuguesa, o morabitino mostra o brasão de armas do reino e a imagem do rei como um guerreiro da “Reconquista Cristã”. A moeda contém uma invocação da Santíssima Trindade e a referência ao monarca como rei de Portugal.



DINIS (1279-1325): AUTORIDADE E CENTRALIZAÇÃO

- Tornês
- Prata; 25mm; 3,97g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4263

Dinis fixa as fronteiras de Portugal e toma medidas visando a centralização do poder e o incentivo da economia. O rei deixa um relevante legado cultural: funda a Universidade de Coimbra, institui o português como língua administrativa e dedica-se à escrita de poesia trovadoresca.

Primeira moeda de prata portuguesa, o tornês mostra o brasão de armas do reino e a imagem de uma cruz pátea. Os seus letrados aludem a Deus como Criador do céu e da terra e designam o monarca como rei de Portugal e Algarves.

1279

1367

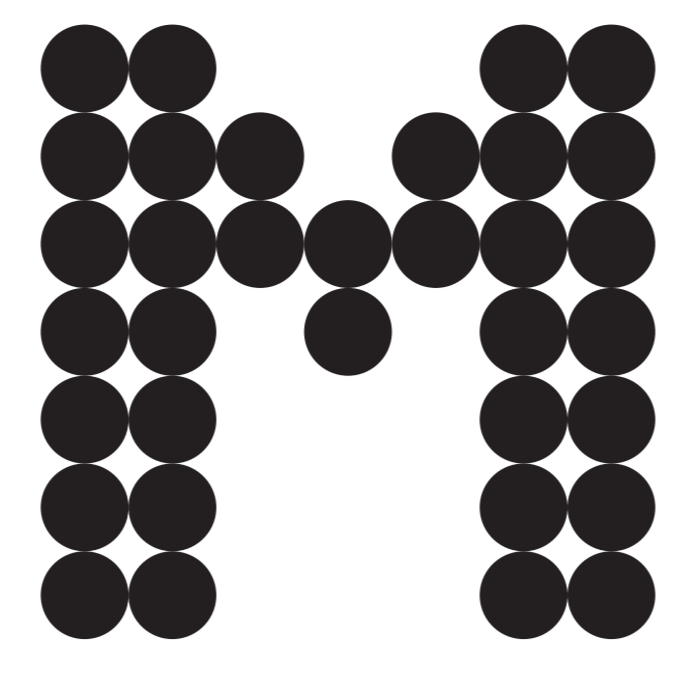
FERNANDO I (1367-1383): GUERRAS ENTRE VIZINHOS

- Dobra Pé-Terra
- Ouro; 28mm; 5,05g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4282

Fernando I trava guerras com Castela pela sucessão no trono. Governa numa conjuntura instável, amuralhando cidades e construindo castelos. Fomenta a agricultura, o comércio e a marinha, mas não impede a depauperação do erário e da moeda. Após a sua morte, o reino entra na crise dinástica.

A dobra pé-terra mostra riquíssima ornamentação gótica: o rei surge em pé, de coroa na cabeça, espada na mão e braço apoiado no escudo. Atrás vê-se um motivo arquitetónico elaborado, típico de um espaço de encenação do poder.





1385

JOÃO I (1385-1433): REVOLUÇÃO E REFUNDAÇÃO

- Real de 10 Soldos
- Prata; 25mm; 2,63g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4344

João I chega ao trono após a crise dinástica e funda uma nova dinastia sob a égide dos Avis. Derrota os castelhanos em Aljubarrota e ordena a construção do Mosteiro da Batalha. Sela uma aliança com a Inglaterra e leva os seus exércitos a Ceuta. A sua biografia é escrita por Fernão Lopes.

Lavrado em Lisboa, o real de 10 soldos mostra a inicial coroada alusiva ao nome do rei e o brasão de armas do reino. Os letrados invocam Deus como Criador do céu e da terra e designam o monarca como rei de Portugal e Algarves.



AFONSO V (1438-1481): A EXPANSÃO ATLÂNTICA

- 1/2 Escudo de Ceuta
- Ouro; 21mm; 2,18g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4739

Com Afonso V, Portugal expande-se além-fronteiras. Os navegadores exploram África e o Atlântico; o comércio da Guiné é contratualizado; o país acede a novas riquezas. À vitória em Alfarrobeira segue-se a derrota em Toro: o Tratado de Alcáçovas-Toledo sela a paz entre os reinos ibéricos.

Cunhado com o ouro africano, o 1/2 escudo mostra o brasão de armas do reino e a fortificação marítima de Ceuta. O monarca intitula-se rei de Portugal e Algarves e senhor de Ceuta.

1438

1481

JOÃO II (1481-1495): A DIVISÃO DO MUNDO

- Justo
- Ouro; 30mm; 5,96g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4881

João II dá passos decisivos na exploração do Atlântico, de que é símbolo a travessia do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias. Após a viagem de Cristóvão Colombo à América, o monarca assina o Tratado de Tordesilhas com os Reis Católicos e o mundo é dividido entre Portugal e Espanha.

O justo mostra os símbolos da autoridade régia: o brasão, o trono, a coroa, o manto, a armadura e a espada. João II intitula-se rei de Portugal e Algarves e senhor da Guiné. Uma fórmula sálmica diz que “o justo florescerá como a palma.”



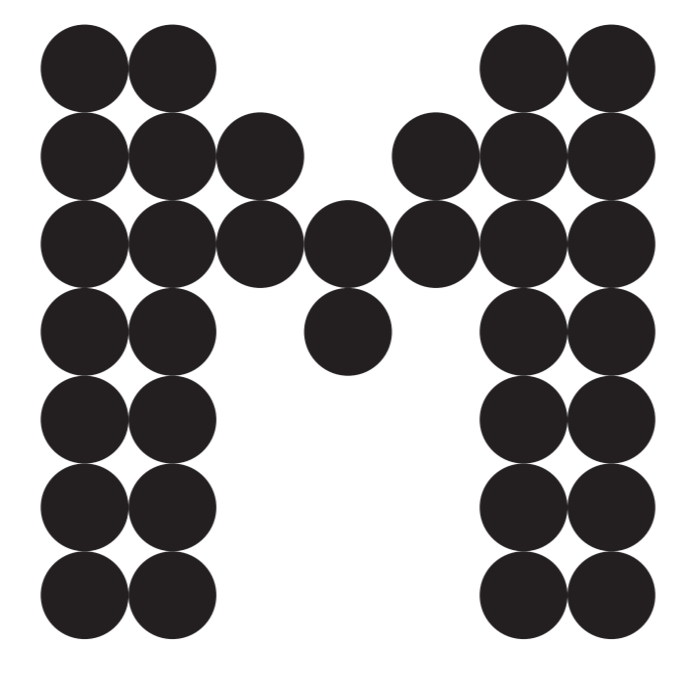
MANUEL I (1495-1521): O IMPÉRIO GLOBAL

- Português
- Ouro; 35mm; 35,35g
- INCM/Museu Casa da Moeda 4906

Sob Manuel I, o Império Português atinge o seu zénite: Vasco da Gama chega à Índia e Pedro Álvares Cabral ao Brasil. O Estado da Índia começa a formar-se e Portugal torna-se senhor do comércio das especiarias. Em Lisboa, erguem-se o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém.

Moeda de prestígio internacional, o português é um dos símbolos do “império global”. O brasão de armas de Portugal surge a par da cruz da Ordem de Cristo. O título do monarca, o mais extenso até agora utilizado, associa-se à divisa “Neste sinal vencerás.”

1495



1521

JOÃO III (1521-1557): HUMANISMO E RENASCIMENTO

- Escudo de S. Tomé
- Ouro; 31mm; 9,40g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5774

Com João III, o país repensa a sua estratégia imperial: ao retirar-se de África, a Coroa aposta no Brasil e ruma em direção ao Japão. Em Portugal, sentem-se os ventos da modernidade: a Inquisição e os Jesuítas instalam-se no reino; o Renascimento e o Humanismo inspiram as artes e as letras.

O escudo de S. Tomé mostra o brasão de armas do reino e a efígie do apóstolo S. Tomé, o evangelizador da Índia. João III é rei de Portugal e Algarves; a Índia cedeu à pregação do apóstolo.



SEBASTIÃO (1557-1578): A CRUZADA PERDIDA

1557

- Engenhoso
- Ouro; 22mm; 3,79g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5043

Para expandir a Cristandade, Sebastião recupera o ideário das Cruzadas e dirige-se a África. A sua morte na batalha de Alcácer Quibir inaugura o mito do Sebastianismo e prepara o caminho para a crise dinástica. Luís de Camões dedica-lhe Os Lusíadas e exalta Portugal como pátria de heróis.

O engenhoso é fruto de uma inovação técnica: a produção mecânica. O brasão de armas do reino associa-se à cruz da Ordem de Cristo. Sebastião é rei de Portugal e o seu lema é de inspiração manuelina.



1581

FILIPE I (1581-1598): A CRISE DINÁSTICA E A UNIÃO IBÉRICA

- 4 Cruzados
- Ouro; 30mm; 12,10g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5108

Em 1580, Portugal integra a Monarquia Hispânica. Filipe I esforça-se por manter a autonomia do reino, estabelece-se em Lisboa e reconstrói o Paço Real da Ribeira e o Mosteiro de S. Vicente de Fora. Com a União Ibérica, Portugal torna-se parte do maior império europeu e ultramarino.

Cunhada em Lisboa, a moeda de 4 cruzados resgata a simbologia nacional, de que é exemplo o brasão de armas do reino. Filipe I é rei de Portugal e Algarves e a sua divisa inspira-se no lema das moedas da Casa de Avis.



1640

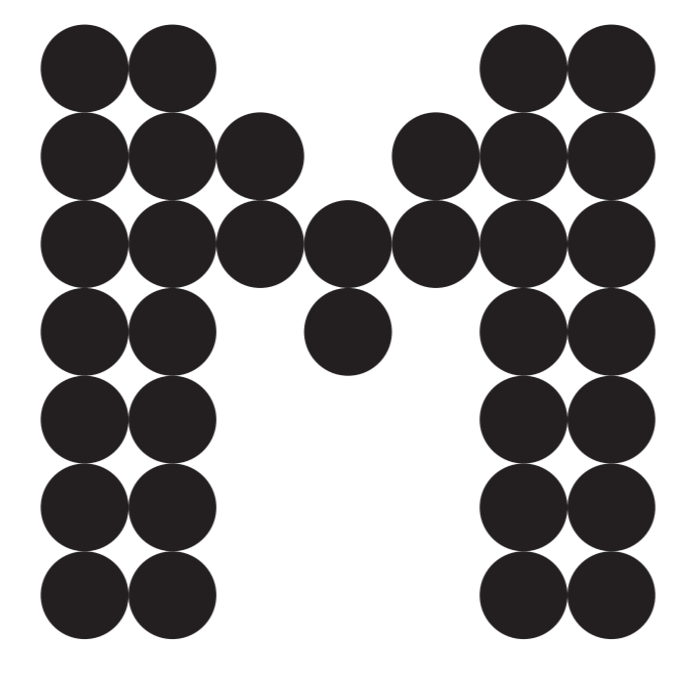
JOÃO IV (1640-1656): A LEGITIMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

- Venera da Conceição
- Prata; 40mm; 28,20g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5164

A conquista da independência ocorre em 1640. João IV e os Bragança estabelecem-se no trono. Nas guerras com Espanha, Portugal enfrenta novos desafios: o reconhecimento da independência, a legitimação da dinastia, a defesa das fronteiras e a reivindicação das colónias perdidas.

A venera da Conceição é produzida em 1648, dois anos após a consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição. O brasão de armas do reino, montado sobre a cruz da Ordem de Cristo, acompanha a imagem da Virgem que dará à luz o Messias.





1683

PEDRO II (1683-1706): O PODER DA DIPLOMACIA

- Moeda
- Ouro; 28mm; 10,61g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5282

Em 1668, o Tratado de Lisboa põe fim à Guerra da Restauração. Pedro II assume o poder e governa o reino: firma uma aliança comercial com a Inglaterra e aposta em definitivo na colonização do Brasil. Nos finais do século XVII, chegam à metrópole as primeiras remessas de ouro da colónia.

Em 1677, é introduzido o balancé de parafuso. A moeda de 4.000 réis é fruto desta inovação. Os símbolos, no entanto, mantêm-se: o brasão de armas do reino, a cruz da Ordem de Cristo e a divisa “Neste sinal vencerás.”



JOÃO V (1706-1750): O ESPLendor DO BARROCO

- Dobra de 24 Escudos
- Ouro; 53mm; 85,41g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5362

O século XVIII é o apogeu do Barroco. João V é o protótipo do monarca absoluto: dialoga com outras potências, incentiva a indústria e o comércio, patrocina as artes e as letras. O Ciclo do Ouro do Brasil é o motor do prestígio do reino: com ele se erguem o Palácio de Mafra, o Aqueduto das Águas Livres e a Biblioteca da Universidade de Coimbra.

A dobra de 24 escudos mostra o soberano em majestade. O rei é retratado como monarca absoluto. O brasão de armas do reino ganha expressão barroca. João V é rei de Portugal e Algarves por designio divino.

1706

1750

JOSÉ I (1750-1777): O TRIUNFO DAS LUZES

- Peça
- Ouro; 32mm; 14,37g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5428

O Terramoto de 1755 espalha o terror em Lisboa e provoca comoção na Europa. Marquês de Pombal reconstrói a cidade sob o ideário das Luzes. O processo dos Távoras, a expulsão dos Jesuítas e a reforma da Inquisição e da Universidade marcam o reinado de José I.

Cunhada no Rio de Janeiro, a peça mostra o busto do rei, de cabeça coroada e ombros cobertos por manto. O brasão de armas do reino prenuncia o regresso à estética clássica.



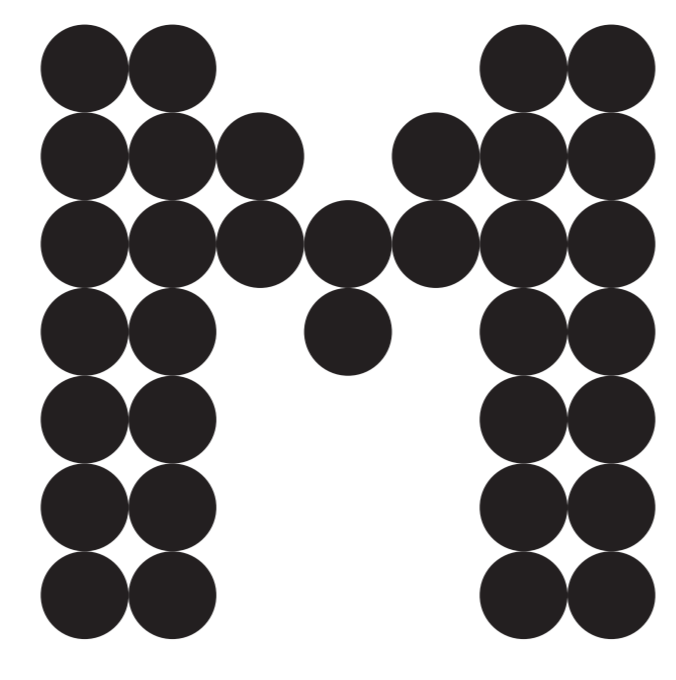
MARIA I (1777-1816): INVASÕES FRANCESAS E PROTETORADO INGLÊS

- 1/2 Peça
- Ouro; 26mm; 7,19g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5463

Maria I promove as artes e as ciências, envia missões científicas e funda instituições sociais. A morte de Pedro III e a Revolução Francesa agravam o seu estado de saúde. Exilada no Brasil após as Invasões Francesas, morre como rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Cunhada na Bahia, a 1/2 peça mostra dupla efígie: Maria I surge ao lado do marido, Pedro III. O brasão de armas do reino é representado segundo cânones neoclássicos.

1777



1816

JOÃO VI (1816-1826): O FIM DO ABSOLUTISMO E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

- ½ Peça
- Ouro; 26mm; 7,12g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5512

O príncipe João aceita a proteção inglesa e a família real parte para o Brasil. Em 1822, seu filho Pedro proclama a independência do Brasil e Portugal perde a sua principal colônia. Compelido a regressar à Europa, João VI governa o reino num clima de guerra entre liberais e absolutistas.

A ½ peça integra a série produzida pelo regente antes do exílio no Brasil. O seu busto laureado prenuncia o fim do Absolutismo. O brasão de armas do reino é de configuração neoclássica.



MARIA II (1834-1853): GUERRAS LIBERAIS E MONARQUIA CONSTITUCIONAL

- Peça ("Degolada")
- Ouro; 32mm; 14,22g
- INCM/Museu Casa da Moeda 5585

Maria II chega ao trono após a abdicação de Pedro IV. O país mergulha na crise financeira. Cartistas e vintistas lutam pelo poder. Golpes revolucionários e contra-revolucionários marcam a génese da Monarquia Constitucional.

Cunhada em 1833, a peça é também conhecida como "degolada". A cabeça da jovem rainha destaca-se pelo elaborado penteado. O brasão de armas do reino é de configuração romântica.

1834

1861

LUÍS I (1861-1889): REGENERAÇÃO, PROGRESSO E CULTURA

- 5.000 Réis
- Ouro; 24mm; 8,86g
- INCM/Museu Casa da Moeda 6185

Com Luís I, Portugal vive a Regeneração. Fontes Pereira de Melo governa o país com a oposição dos progressistas. A Questão Coimbrã e as Conferências do Casino marcam a vida intelectual. Eça de Queiroz escreve os seus melhores romances.

Cunhado em 1866, este ensaio para moeda de 5.000 réis mostra a cabeça do rei ainda jovem. O brasão de armas do reino surge ricamente engalanado segundo o gosto oitocentista.



MANUEL II (1908-1910): ENTRE MONÁRQUICOS E REPUBLICANOS

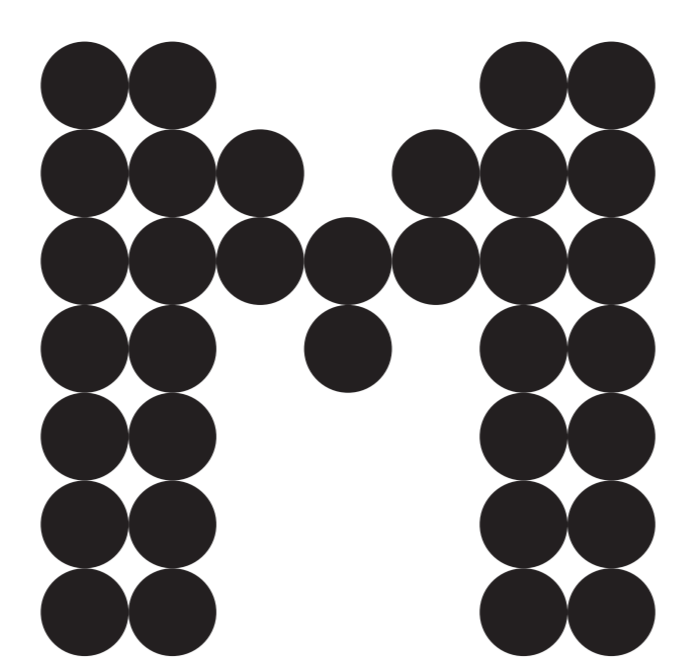
- 200 Réis
- Prata; 23mm; 4,98g
- INCM/Museu Casa da Moeda 10362

Manuel II chega ao poder após o Regicídio de 1908. O governo de aclamação partidária serena os ânimos. Debate-se a Revolução Industrial e a sua relação com a Questão Social. Os republicanos triunfam a 5 de outubro de 1910: Portugal torna-se uma República e o rei exila-se em Inglaterra.

Cunhada em 1909, a moeda de 200 réis mostra o rei e a coroa. Os letrados são bilingues: Manuel II é o último rei de Portugal e Algarves, por graça de Deus.

1908





1910

PRIMEIRA REPÚBLICA (1910-1926): O TEMPO DAS CONVULSÕES

- 1 Escudo
- Prata; 37mm
- INCM/Museu Casa da Moeda 15514

Entre 1910 e 1926, Portugal vive uma conjuntura difícil: governos instáveis, crise económica e financeira, anomia social. Em 1916, o país entra na I Guerra Mundial. Sidónio Pais instaura a ditadura. José Relvas coordena a luta contra os monárquicos.

O escudo de 1914 comemora a implantação da República em 1910. Com a bandeira e a tocha, a alegoria da República Portuguesa mostra o caminho que levará à vitória do republicanismo cívico.



DITADURA MILITAR E ESTADO NOVO (1926-1974): A NAÇÃO PROVIDENCIAL

- 10 Escudos
- Prata; 31mm
- INCM/Museu Casa da Moeda 10429

A Ditadura Militar prepara o caminho para o Estado Novo. Em 1933, é promulgada a Constituição. António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano são os rostos do regime autoritário. A Guerra Colonial marca a derrocada do Império Português.

A moeda de 10 escudos celebra Afonso Henriques e a batalha de Ourique. O regime evoca esta efeméride fundadora com o objetivo de assinalar o carácter providencial da Nação Portuguesa.

1926

1974

DEMOCRACIA (1974-...): REVOLUÇÃO E LIBERDADE

A Revolução de 25 de Abril de 1974 instaura a Democracia e a Liberdade em Portugal. Em 1986, o país adere à Comunidade Económica Europeia. A Expo' 98 comemora os Descobrimentos Portugueses e assinala a importância universal dos oceanos.

Em 2002, entram em circulação as primeiras moedas de euro. Os símbolos escolhidos para figurar na moeda são os selos do primeiro rei de Portugal: Afonso Henriques.

